

A civilização é um produto da cidade, pelo menos historicamente. Os berços da chamada civilização ocidental são umas poucas cidades do Oriente Próximo. Havia uma relação ambivalente entre cidade e civilização, uma relação reversível de causa e efeito. A cidade marcava a civilização com seu caráter, e era, em troca, marcada pela civilização à qual dera origem. Neste processo de vai-e-vem, o caráter específico da cidade é da civilização tornava-se sempre mais pronunciado. Algumas cidades conservam este poder de criar um estilo específico de pensar, sentir e viver até, (ou quase até) os dias de hoje. Uma delas é Praga. Tudo que brotou das ruas tortas, às margens do rio torto, e tudo que cresceu, qual trepadeira, à sombra e como suporte das centenas de torres pontudas, é produto, testemunho e reafirmação do espírito de Praga. Kafka é um exemplo recente dessa flora. Torna-se necessária, para a compreensão do inquietante fenômeno Kafka, desta procura de Deus através o diabo, uma compreensão de Praga. Não é uma cidade muito antiga. As suas origens se perdem, no entanto, nas brumas da lenda. Uma sibila inspirada profetizou "a grande cidade, cuja glória toca as estrelas". Algo deste aroma lendário, sibilino e profético, algo a um tempo santo e demoníaco, paira sobre a cidade até hoje. A cidade vibra entre dois polos: o enorme castelo com sua catedral gótica e torre barroca, e o aglomerado de torres góticas da "Velha cidade", erguidas qual lanças de um exército contra o céu. As ruas todas correm, como correios tortuosos, monte acima ao encontro do Castelo, ou vale abaixo para desembocar na praça central de "Velha cidade". O rio, com seu "S" majestoso, forma a divisa entre os polos. As pontes modernas que o atravessam são tentativas inautênticas de negar ou diminuir a tensão, são estradas de fuga. Salvo uma, a ponte de Carlos. Essa, a gótica, com suas torres e suas estátuas, é o elo impossível, mas realizado, entre castelo e igreja, entre monte e vale, entre o rei e o burguês, entre a soberba e a humildade, entre a rua dos alquimistas e a universidade, entre o céu e a terra, entre o "Castelo" e a aldeia de Kafka. Esta ponte carrega o trânsito não mais material, (disto se encarregam as pontes modernas), mas espiritual entre o lado "grande" e o lado "pequeno" de Praga. O lado "pequeno", e isto é típico de Praga, é o suburbio do castelo com os palácios barrocos dos senhores. Lá longe, rio acima, erguem-se as ruínas de um contra-castelo, mas de um contra-castelo mais antigo que o próprio castelo. São esquecidas, mas continuam no subconsciente da cidade. Quando as castanheiras estão em flor, ou quando os telhados estão cobertos de neve, essa cidade-dialética reveste-se de uma beleza singular, resultado de uma luta milenar entre natureza e arquitetura, ou, mais basicamente, de uma luta que o espírito humano trava em duas frentes, contra a matéria e contra as forças superiores.

Vista superficialmente, é a cidade resultado e causa de luta entre três povos: o tcheco, o alemão e o judeu. No fundo, no entanto, não há três populações em Praga, mas uma só: a praguense. Os alemães de Praga não sabem o quanto são tchecos, os tchecos não sabem o quanto são alemães, e ambos não sabem o quanto são judeus. Os judeus de Praga são talvez os mais assimilados entre todos os judeus do mundo, por se terem assimilado a dois povos, mas conservam o seu judaísmo como uma espécie de "ponte Carlos" entre os dois povos.

O papel de Kafka como pontífice, como construtor de pontes impossíveis, mas realizadas, tem uma de suas explicações nesta situação dos judeus praguenses. A po-

ição flutuante e duvidosa do praguense para com a sua "nacionalidade" é posta em evidência, cada vez que a cidade é varrida por uma tormenta externa. Quando foi ocupada pelos nazistas, grande parte da população tcheca redescobriu a sua alma alemã, quando foi ocupada pelos russos, grande parte da população alemã redescobriu as suas fontes eslavas. Os judeus, entretanto, foram eliminados praticamente, e Praga não é mais Praga como o fora no tempo de Kafka.

Praga é uma cidade situada nas fronteiras. Esta frase quer ser entendida em todos os sentidos, inclusive no sentido que os existencialistas dão ao termo "situação de fronteira". Uma dessas fronteiras, a nacional, entre três povos, já foi mencionada. Uma outra, a arquitetônica, entre o Gótico e o Barroco, (saltando, caracteristicamente, o Renascimento), foi tocada de leve. O Renascimento não encontrou, salvo em poucos edifícios isolados, ponto de apoio em Praga, por estar em conflito com o espírito da cidade. Mas o Gótico e o Barroco, a elevação disciplinada da alma até Deus, com os demônios se escondendo entre as torres da catedral, e a luta envolta e algo pretenciosa do espírito contra si mesmo, inautêntica talvez em suas convulsões, mas autenticamente religiosa na sua vontade de forçar o divino, estes dois estilos são os estilos de Praga. Essa cidade consegue o inimaginável: a fusão estética de dois espíritos alheios, e isto não somente no total da imagem da cidade, mas até num único edifício, na catedral gótica de torre barroca. Kafka reúne em si o gótico e o barroco, a fé e a demonologia da Idade Média e a dúvida torturada e a angústia das guerras religiosas.

Outra fronteira que atravessa Praga é a que separa o Ocidente do Oriente europeu. A cidade absorve, sedenta, todas as correntes ocidentais: a universidade de Praga é um dos centros intelectuais da Idade Média, o Protestantismo se instala em Praga diretamente da Inglaterra e antes de Lutero, o espírito científico toma conta de Praga com Tycho Brahe antes de Kepler, e nos séculos XIX e XX a cidade marcha na primeira linha dos desenvolvimentos artísticos e intelectuais do Ocidente. No entanto, ela nunca se desliga da vasta correnteza mística do Oriente europeu: os hussitas têm parentesco com os revolucionários místicos russos, o rabino Loew, com seu homem artificial, Golem, é um kabalista judeu precursor talvez do misticismo hassídico do Oriente, os poetas Bezruč e Rilke pertencem, sob certo ângulo, à tradição bizantina da "santificação da coisa". A síntese entre o Ocidente e Oriente, (europeus), tão esteticamente repulsiva na Rússia, e contra a qual já se insurgiu Dostoiévski, por senti-la inautêntica, foi realizada autenticamente em Praga. Kafka é um produto e um realizador dessa síntese, e o era quase conscientemente. O seu interesse pela literatura yidich, por exemplo, era como que uma saudade por uma parte semi-esquecida do seu próprio espírito.

Na fronteira mais característica que passa pela cidade, e a que encerra em si todas as demais fronteiras, é a linha que divide os espíritos em intelectuais e meditativos. O calor que esta fronteira existe em todo espírito humano. Mas há, evidentemente, um clima dentro do qual uma das duas regiões predomina. O clima de Paris, por exemplo, é eminentemente intelectual, e o clima de Kioto eminentemente meditativo. Em Praga esses climas coexistem com igual força. A tensão resultante produz um estado de alma e uma maneira de viver, caracterizados por um ceticismo, um desespero irônico, e um cinismo voltado tanto contra o intelecto quanto a intuição, fato este que não encontra paralelo em nenhuma outra cidade. Num nível mais baixo, esse estado de alma pode ser observado na prontidão com que o povo de

Praga coopera, de bom grado, com qual quer sistema de governo. É uma cooperação oportunista, irônica, cínica, feita com uma reserva mental nunca percebida pelo potentado. Num nível mais elevado, transparece nas mentes divididas em si mesmas, cientes da traição recíproca de uma metade da mente contra a outra. Um dos mais fortes e trágicos exemplos dessa situação de fronteira é Kafka. Nele, a força extraordinariamente desenvolvida do intelecto logo se quebra, no assalto à análise intelectual impietosamente honesta. A impressão que temos ao ler qualquer página de Kafka, diria até qual quer frase, é a de uma luta interna entre duas honestidades. A obra de Kafka é fragmentária, porque ele se quebra a si mesmo no processo do pensamento.

Kafka explodiu como bomba retardada. Quando a explosão se verificou, Praga, no sentido kafkeano, já havia desaparecido. Os poucos que se tinham influenciado por Kafka em vida, isto é a geração de intelectuais judeus praguenses, todos estudantes pelo ano 1910, estavam sendo exterminados nos campos nazistas. O divulgador de Kafka, Max Brod, um dos poucos sobreviventes, lançou os seus romances e contos num meio estranho.

A recepção da obra teria surpreendido o próprio Kafka. Ela foi aceita como expressão de um espírito isolado, altamente individual, bizarro e "mal ajustado", quando na realidade trata-se de uma expressão genial, típica e autêntica do espírito de Praga. A língua dos escritos de Kafka foi considerada um alemão sui generis, cheio de palavras inventadas e formas gramaticalmente grotescas. Na realidade, essa língua, é o próprio alemão praguense. As palavras "inventadas" são traduções do tcheco. As "formas grotescas" são formas eslavas. A ironia sardônica e diabólica que pervade a obra, sem prejuízo de uma seriedade, a qual foi considerada sinal do caráter desse escritor, é na realidade uma sublimação do humor praguense. A autodepreciação, nojo de si mesmo, que é o tema básico de Kafka, é interpretada como traço quase patológico da alma do autor, quando na realidade exprime uma disposição de uma cidade e civilização voltadas contra si mesmas, numa mistura de furor suicida e autoerotismo. O pseudo-arcaísmo casado ao modernismo de vanguarda interpretado como forma poética individual de Kafka, é na realidade o estilo da cidade medieval industrializada. Os temas aparentemente estranhos e exóticos dos romances e contos são na realidade quase temas tradicionais de Praga. A "carta ao pai", interpretada como documento clássico do complexo de Édipo em traços individuais kafkeanos, passou na realidade por uma camada praguense que lhe deu colorido de fervor e desespero religioso. A busca sempre frustrada, sempre repetida do absoluto quase alcançado e absurdamente perdido no último instante, interpretada como religiosidade doentia e característica de uma individualidade extraordinária, é na realidade o último capítulo da história religiosa de Praga. Enfim, o radicalmente novo, o revolucionário e original que o mundo crê ter achado em Kafka, é na realidade a última forma genial da mensagem milenar de Praga ao mundo.

Não resta dúvida que Praga não explica inteiramente o fenômeno Kafka. Há nele um grande substrato mais amplo que o faz participar da correnteza da tradição ocidental e humana, e portanto o torna compreensível ao mundo. E há nele uma superestrutura individual que justifica a nossa admiração em face a um espírito genial e ao redor de intensidade quase insuportável. E há nele uma capacidade visionária e quase profética que explica a nossa certeza de estarmos diante de um precursor, e não de um epígono. Mas este fenômeno ocidental e humano, e este fenômeno indivi-

viçual e particular, têm um esquema de referência exato: Kafka é pragueu-  
 se. Ele é o cantor de uma cidade e de uma civilização que morreram quase  
 simultaneamente com ele. Ele pressentiu-lhes a morte e talvez as tenha trans-  
 portado consigo para a eternidade.